

Papo de Índio

TXAI TERRI VALLE DE AQUINO & MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS

Visita à casa da memória: homenagem aos companheiros que se encantaram

JOSÉ CARLOS DOS REIS
MEIRELLES JR. *

■ Trocando idéias com o Txai Terri a propósito de pessoas como Carlito Cataiano, Sueiro Sales Cerqueira, Jorge Nazaré e outros companheiros que já se encantaram, lembramos da primeira viagem que fiz, em 1987, como sertanista. Meu objetivo era, então, pensar uma estratégia de proteção aos povos indígenas isolados que ainda moram e perambulam pelas cabeceiras dos rios Jordão, Tarauacá e Envira.

Carlito, Sueiro e Jorge estavam naquela viagem inaugural. Em homenagem a eles, vou fazer uma visita à casa da memória, sem consultar escritos antigos, para ver como andam minhas lembranças de vinte anos atrás.

O verão de 87 andava quente demais pelas cabeceiras daqueles rios. Integrantes de povos isolados, de um lado, e índios Kaxinawá (Huni Kuin), Kampa (Ashaninka) e Kulina (Madijá), de outro, estavam em pé de guerra. Os Kampa do Envira e os Kaxi do Jordão haviam solicitado à Fundação

A viagem à vila Jordão

Nacional do Índio (FUNAI) uma intervenção na região para tentar por fim às hostilidades entre eles e os “brabos”, como são chamados regionalmente os grupos indígenas em situação de isolamento e de não contato com a dita sociedade nacional.

Em Rio Branco consegui dois cariús para me acompanhar. O Jorge Nazaré, amigo da gente e dos índios, sempre lá pela Comissão Pró Índio com o Txai Terri, e o Roberto Lozano, auxiliar de enfermagem muito competente da FUNAI, que eu sabia que agüentaria essa longa travessia. O Txai ainda me indicou o Carlito Cataiano, metido a pajé e que tinha viajado muito com ele quando começou a trabalhar com os Kaxi do Jordão e Humaitá a partir de meados da década de 70, para me acompanhar.

Carlito, de fato, conhecia bem os canais de cada volta e estirão dos rios Tarauacá e Jordão e ainda me ajudaria muito nas relações com as lideranças e representantes Kaxi do Jordão.

Viajamos em um pequeno avião até a cidade de Tarauacá, onde passamos alguns dias arrumando um batelãozinho com motor de rabeta e fazendo as compras que a gente sempre faz nessas viagens: lanternas, calçados, munição, anzóis, algum rancho etc.

Batelão carregado, tudo comprado, lá vamos nós rio acima, subindo o Tarauacá. Na canoa ia Carlito, Jorge, Lozano e eu. Motorista fluvial não precisou, porque Carlito e eu íamos revezando no timão do Tietê de 13 Hp, aquele motor que dava partida na embalagem da compressão e que quebrou a testa de muito piloto fluvial com o famoso “contra”. Mês de agosto o rio estava muito



MEIRELLES entre o engenheiro florestal Leonardo Santana e a antropóloga Maria Elisa Guedes Vieira, integrantes do Grupo Técnico da Funai de identificação e delimitação da Terra Indígena Riozinho do Alto Envira (2004)

essa nova política indigenista, passou a ser norteadada pela proteção de seus territórios, seus recursos naturais e atividades tradicionais, bem como pelo respeito à opção desses povos em permanecer isolados.

Naquele mesmo ano, em Brasília, a FUNAI criava uma nova política em relação aos povos isolados a partir de uma reunião de sertanistas e antropólogos. E dessa maneira nova de tratá-los,

essa nova política indigenista, passou a ser norteadada pela proteção de seus territórios, seus recursos naturais e atividades tradicionais, bem como pelo respeito à opção desses povos em permanecer isolados.

Uma coisa emendou na outra e o então Departamento de Índios Isolados, da FUNAI, criou a Frente de Atração Rio Jordão, em 1988, que viria se transformar pouco depois na Frente de Contato Envira e, posteriormente, na Frente de Proteção Etno-ambiental do Rio Envira. Desde o início, me convidaram para implantá-la. Se não me engano, em 87, o Txai era o chefe da FUNAI no Acre.

Para implementar essa Frente tive que conhecer primeiro a grande floresta das cabeceiras dos rios Jordão, Tarauacá e Envira. Sentir a coisa de perto e ouvir as opiniões dos índios Kaxinawá e Ashaninka. Espiar e cheirar a mata desse fim, que também pode ser começo, de mundo.

Planejei a viagem subindo o rio Tarauacá até a foz do Jordão, que naquela época ainda era chamada de vila Jordão, hoje sede do município de mesmo nome. E dali subiria o Jordão até às cabeceiras. E de lá vararia a pé até às cabeceiras do Envira, passando por cima das nascentes do rio Tarauacá. Das cabeceiras do Envira desceria este rio até Feijó.

Subindo o Jordão

Logo depois começamos a subir o Jordão, mas a viagem prosseguia lentamente. Parávamos na maioria das moradias Kaxi, onde tive oportunidade de conhecer figuras como o Luis Pinheiro, que mergulhou comigo no remanso que tinha em frente a sua casa. As conversas, em volta dos tibungos de caixuma, giravam sempre ao redor do mesmo tema: “os brabos” e o que eu faria para amansá-los. Tentava explicar que a idéia era protegê-los do jeito que eram e não “amansar caboclo brabo”. Como insistiam no assunto, diversas vezes tive que explicar que o contato só se realizaria em situações extremas, quando representasse a última oportunidade de sobrevivência física para os brabos.

Paramos dois dias no local onde Sueiro morava. Foi com ele que conversei muito sobre a região e as histórias dos brabos. Por conta dessas nossas conversas, ele decidiu nos acompanhar naquela viagem. Por indicação dele, Miguel Macário, um Kaxi já maduro, homem experiente e excelente mateiro, mais cinco outros índios, também bons de mato, nos acompanhariam nessa longa travessia.

Subimos o rio numa pequena canoa até o seringal Revisão, última aldeia do Jordão, onde morava o Agostinho Mateus, seus sogros e cunhados. Por lá deixamos nossa canoa e, de mochila nas costas, subimos a pé o que restava do Jordão.

Cada um levava sua farinha, pois a experiência já havia me mostrado que por conta de mateiros que comem muita farinha, outros ficavam

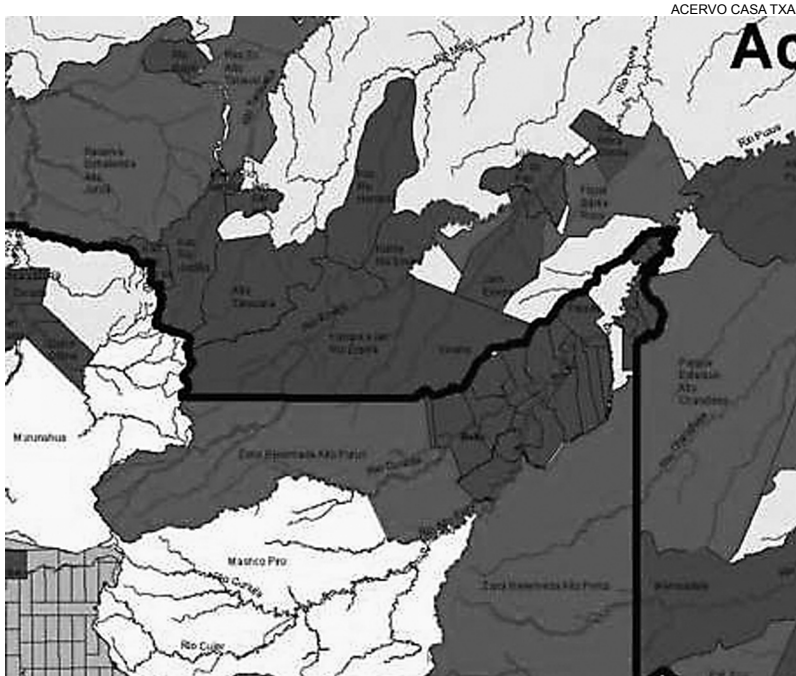
sem essa preciosa iguaria. Então, calculado 15 dias de viagem, cada um levaria a farinha que achava que comeria nesse período. Tínhamos dois rifles 22, duas espingardas, anzóis, linhas e os Kaxi levavam suas flechas para os peixes.

Da aldeia Novo Segredo, no antigo seringal Revisão, saímos bem cedo. Subimos o Jordão até acima da boca de um igarapé que os Kaxi chamam de Papavó. Sueiro me disse que ali era o lugar onde os brabos varavam pras bandas do Envira e, no sentido contrário, para o lado do Breu. E que justamente ali alguns Kaxi, durante uma caçada de acampamento, tinham matado um brabo e ferido outro.

Acampamos à tardinha. Fui tirar umas palhas pra cobrir o tapiri e topei dois mutuns, que deram um belo jantar. Naquele tempo, modestia parte, a vista era boa e eu atirava bem de rifle 22.

No outro dia, continuamos a subir o Jordão até a sua cabeceira, onde acampamos. Por aquelas bandas, o rio não tinha mais de um metro de largura. Era um igarapezinho. Num de seus poços encontramos uns 20 mandis pintados, que foram parar no moquém da noite. Pouca gente conhece esses mandis, que só dão nas cabeceiras dos igarapés. Pintados como caparari, diferentes de todos os outros mandins, além de muito gordos.

Nas noites de acampamentos as histórias rolavam soltas, pois os índios estão em seu habitat natural, sem nenhuma censura! E foi aí que comecei a conhecer Carlito, Sueiro e Miguel. E observar Jorginho e Lozano se adaptando à vida da mata.



FRONTEIRA do Acre com o Peru onde se concentra maior número de povos indígenas isolados da Amazônia

seco. Mas o pequeno batelão de gramixó era bom de raso e a gente de canal...

Seis dias depois, de tarde, chegamos finalmente à vila Jordão! O rio Jordão, que estava conhecendo pela primeira vez, era bem menor e mais raso do que imaginava. Não havia como subir de batelão, por menor que fosse. Arrumamos uma canoa pequena com um motor “burro preto” de 10 HP para poder subir o Jordão, que mais parecia um riozinho.

Passamos dois dias na vila, tempo suficiente para conhecer

muitos Kaxi que por lá passeavam, ou faziam negócios com os patrões e regatões, além de moradores como o seu Hilarino Melo, pai do atual prefeito de Jordão, Hilário Melo, que naquele tempo morava na margem esquerda do Tarauacá, nas proximidades da foz do Jordão, bem em frente à vila.

No outro dia à tarde, Carlito e eu fomos mergulhar num poço bem na boca do Jordão com o Tarauacá, ambos ruins de peixe! Fizemos à fúria de embixear um bodó-tronqueira, que virou notícia na pequena vila.

Nas águas do Envira

No outro dia, finalmente deixamos as nascentes do Jordão e subimos a "terra divisão", que separa as águas dos rios Jordão e Envira. As nascentes do Tarauacá já tinham ficado muito embaixo. As outras águas, do lado esquerdo da terra, portanto, já seriam do Envira.

Miguel na frente, combinando o rumo com o velho Sueiro, que na mata parecia vinte anos mais novo do que na aldeia ou na cidade! Quando chegamos ao espigão da terra, ele me disse:

- Meirelles, aqui nessa terra, duas horas mais, tem um marco de ferro da demarcação da fronteira do Brasil com o Peru.

- E quando tu passaste por ali, Miguel?

- Quando eu era novo.

De fato, após duas horas de caminhada, lá estava o marco da fronteira no lombo da terra! Naquele tempo ainda não existia GPS, mas o Miguel parecia que tinha um na cabeça. No marco, depois de conversar um tempo com Sueiro em sua língua hãtxa kuin, ele me disse:

- Meirelles, se a gente descer essa terra e andar mais três horas vamos dormir na cabeceira do igarapé Imbuia, afluente do Xinane que deságua no Envira. Se a gente andar o dia todo, vamos dormir nas nascentes do Xinane. Se andar hoje, amanhã e depois, dormimos na cabeceira do Envira. Onde tu quer sair?

- Na cabeceira do Imbuia, respondi.

Descemos a terra, andamos três horas e acampamos numa grota da cabeceira do igarapé Imbuia. Se não estou enganado, comemos três jacus e dois jabotis assados na janta.

As caças pras bandas do Envira começavam a ficar mais fartas. Se bem que notei muito macaco preto brabo. Naquele ermo de mundo? Sinal que os parentes caçavam por ali. Comentei isso com o Sueiro e ele riu, me dizendo que no início não botava fé de eu andar bem no mato, quanto mais observar esse detalhe, conhecer os rastros de caça, pé de comida e macaco escabreado de flecha de brabo. E a nossa amizade foi ficando maior. Eu já não era tão estranho e falava a língua da mata.

No dia seguinte, grota abaixo, depois de duas horas, saímos na cabeceira do Imbuia. Os Kaxi enlouqueceram de ver tanta quantidade de caça e peixe na beira daquele igarapé. Matei três mutuns a pedido deles. Os mutuns estavam comendo frutas de louro, pau que só dá na beira dos igarapés e têm umas frutinhas verdes menores do que azeitonas, que caem nas praias. Eram essas frutinhas que os mutuns, mansos, comiam. Um bando deles. Não matei mais por saber que dali em diante a



MEIRELLES, seu filho Arthur e trabalhadores na base da Frente de Proteção Etno-ambiental do Rio Envira, na foz do igarapé Xinane (2004)

fatura seria grande.

Naquele mesmo dia, vimos os primeiros vestígios de cinco índios brabos na beira do Imbuia. Provavelmente, flechando peixe. Coisa de dois ou três dias atrás.

Acampamos mais cedo, por volta das quatro da tarde, pra dar tempo de pegar uns peixes. Rapidamente, os Kaxi flecharam nove curimatãs e três jitubaranas, das escolhidas. Mais os três mutuns era rancho pra sobrar.

Na hora do banho, quando mergulhei pra tirar o sabão, topei um tracajá que foi fazer companhia às curimatãs e mutuns no moquém. Todo mundo já havia tomado banho, o moquém no jeito, quando lá pelas sete da noite uma nambu azul apitou bem perto do acampamento. Carlito me convidou pra matá-la. Rapidamente, com ajuda de lanternas, logo a encontramos empoleirada numa envi-reira-ferro. Foi pro moquém também. Lembro-me muito bem daquela noite, porque o que aconteceu por lá nunca mais iria esquecer.

Reparem bem, três mutuns assados, nove curimatãs, três jitubaranas, um tracajá grande e uma nambu azul é muito rancho! Eu, Jorge e Lozano comemos juntos apenas uma banda de mutum, talvez uma jitubarana. Os Kaxi sentaram na beira do moquém, cada qual com seu saquinho de farinha, o sal numa folha de sororoca. História vai, risada vem, depois de uma hora só restava uma banda de nambu azul. Peguei a banda de nambu que sobrou e coloquei no meu saco de farinha. Era o quebra do dia seguinte!

No outro dia, moquém vazio, tirei a banda de nambu do saco de farinha e fui quebrar jejum com Lozano e Jorginho. De brincadeira, disse ao Sueiro que não ia dar nenhum pedaço pra eles, o que evidentemente não aconteceu. Tocou um fiapo de nambu pra cada um. Aí o Sueiro me disse que

o melhor lugar pra se guardar rancho na mata não é nas costas, mas no bucho! E deu aquele sorriso maroto que só quem o conheceu teve o privilégio de ver. Se bem que este mesmo sorriso ficou gravado, de herança, no rosto de seu filho Getúlio Sales Tenê.

Naquele altura da viagem, em minha cabeça começava a se formar as primeiras idéias da região, das diferenças dos rios, por onde os brabos perambulavam, caçavam e pescavam...

Na beira do Imbuia nasciam assim os embriões das futuras propostas de identificação e delimitação de terras indígenas para os isolados daquela região, que hoje são três. Duas já regularizadas (Kampa e Isolados do Rio Envira e Alto Tarauacá) e a última (Riozinho do Alto Envira) vai ser demarcada neste ano de 2008. Hoje, vinte anos depois daquela nossa inesquecível viagem, essas três áreas totalizam cerca de 636 mil hectares. Estão rodeadas por quatro outras terras indígenas, também já regularizadas pelo governo federal.

Em sobrevôo realizado em 2003/04, por ocasião dos estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Riozinho do Alto Envira, localizamos quatro conjuntos de malocas de povos indígenas isolados, três nas cabeceiras de igarapés do Alto Envira e hum na terra da divisão das nascentes do rio Humaitá com as águas do Envira.

Observamos ainda uma significativa migração de grupos indígenas isolados do lado peruano da fronteira para as nascentes dos igarapés afluentes do alto rio Envira, em território acreano. Certamente, em decorrência da intensificação das atividades madeireiras e mineradoras, bem como da prospecção de petróleo e gás nas florestas do lado da fronteira peruana.

Encontro com turma de invasores

Pois bem, continuando nossa viagem, descemos o Imbuia três dias até encontrar, vindo das cabeceiras do Douro, afluente do alto rio Tarauacá, o Sr. Otávio Melo, com bois de carga, cachorros e vários caçadores, matando caça e pegando peixe, salgando tudo para levar ao seu seringal Alegria, onde a caça e a pesca eram difíceis. Expliquei a ele que não seria mais permitido caçar nem pescar, porque ali era uma área de perambulação de grupos indígenas isolados.

Dormimos todos na mesma praia. À noite, combinei com Sueiro que ele e os Kaxi, mais o Lozano, iriam acompanhar o Sr. Otávio Melo de volta ao seringal Alegria. Queria ter certeza que, de fato, ele retornaria. Eu e Jorge continuaríamos a descer o Imbuia até sair no Xinane e, de lá, no Envira.

Jorge ficou meio apreensivo em seguir a viagem só comigo! Acalmei o amigo com ajuda do Sueiro e do Carlito, que já botavam uma fezinha em mim. Logo

perceberam que eu não me perderia, porque já era acostumado a andar no mato.

No dia seguinte, ainda bem cedo, nos apartamos. Sueiro, Miguel, Carlito, Lozano e os outros mateiros Kaxi iriam até o seringal Alegria, acompanhando a turma de invasores. E de lá varriam para o Jordão. Eu e Jorge sairíamos no Envira.

Três dias depois, com os pés cheios de rói-rói, saímos finalmente no rio Envira, que os Kaxi chamam de Bariya em sua língua, que significa "rio do sol".

Por sorte encontramos baixando o rio, o Kampa Txombo e sua família, que vinham de uma pescaria no alto rio Envira. Ele nos deu carona na sua ubá de cedro até a aldeia Simpatia, onde morava.

Daquela aldeia Ashaninka, o Carijó nos deixaria na sede da fazenda Califórnia, de onde retornamos à capital Rio Branco em um pequeno avião fretado. Não tínhamos barco para descer "o rio de muito sol" até Feijó, como inicialmente planejava.



MALOCA de grupo isolado na Terra Indígena Riozinho do Alto Envira/2004

Despedida

Muito tempo se passou desde então. Já faz vinte longos anos. Três participantes dessa viagem já não estão mais encarnados aqui entre nós. Carlito, Sueiro e Jorge Nazaré fizeram suas passagens para o astral. Certamente, viraram pó de estrela. Que é do que somos feitos. Mudamos apenas de estado da matéria. Ora somos animais, ora vegetais, ora somente pedras, minerais...

Eu ainda continuo por aqui neste mundo Terra, companheiros. Ainda carrego a mesma mochila de sonhos nas costas. Um pouco mais leve, certo, pois alguns deles já se realizaram.

Graças à companhia de vocês nessa viagem inaugural de proteção aos povos isolados dos altos rios, as terras dos brabos que a gente sonhava na beira do igarapé Imbuia são, hoje, realidades.

A proteção das três terras dos

isolados, na medida do possível, se faz. Atualmente, as coisas tão ficando mais difíceis com as invasões dos madeireiros peruanos, que estão espantando e matando muitos brabos nas proximidades da linha de fronteira. A coisa tá ficando preta, mas a gente vai levando com calma e determinação. Por conta disso, um dia desse levei até uma flechada na cara.

Ah! Ia me esquecendo de dizer, mas no final do ano passado, vinte anos depois daquela nossa viagem, ganhei o Prêmio Chico Mendes, do Ministério do Meio Ambiente, justamente por esse trabalho com os povos indígenas isolados no Estado do Acre. E vocês estiveram comigo nessa primeira viagem.

Sinto saudades de vocês, amigos! Peçam aos pajés que nos ajudem a proteger da extinção esses últimos povos isolados do nosso planeta!

* Meirelles é o sertanista da FUNAI responsável pela chefia da Frente de Proteção Etno-ambiental Rio Envira, no Município de Feijó. Vive no Acre há 30 anos. Nos primeiros dez anos, foi chefe do Posto Indígena Mamoodate, onde trabalhou como indigenista junto aos povos Jaminawa e Manchineri do Alto Iaco. Desde 1988, trabalha na proteção dos povos isolados e na vigilância e fiscalização de suas terras nas cabeceiras dos rios Envira e Alto Tarauacá. Por conta deste último trabalho, ganhou o Prêmio Chico Mendes de 2007, do Ministério do Meio Ambiente.